

Do balbucio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante

*From babbling to the first words:
continuity and discontinuity in the process of becoming a speaker*

Luiza Milano

Valdir do Nascimento Flores

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil



Resumo: Este trabalho propõe reler o texto de Roman Jakobson *Por que “mama” e “papa”?* com o intuito de retomar a hipótese da descontinuidade relativa à passagem do balbucio ao sistema fonológico de uma dada língua. Assume-se que, do ponto de vista da interlocução, a “fala de bebê” indica, nessa passagem, uma relação simultânea entre continuidade e descontinuidade. Defende-se, ainda, que, nessa simultaneidade, aspectos físico, fisiológico, cognitivo, psíquico e linguístico encontram sentido na “fala de bebê”, o que permite a passagem do homem da condição de *infans* à de falante.

Palavras-chave: Balbucio; Continuidade; Descontinuidade; Interação; Aquisição da linguagem

Abstract: This paper suggests a different reading of Roman Jakobson’s text *Why “mama” and “papa”?*, aiming to reexamine the hypothesis of relative discontinuity in the passage from babbling to the phonological system of a given language. It is assumed that in this passage, from the standpoint of interlocution, the “baby talk” indicates a simultaneous relationship between continuity and discontinuity. It is also argued that in this simultaneity physical, physiological, cognitive, psychic, and linguistic aspects find meaning in the “baby talk”, which enables an individual to go from the condition of *infans* to speaker.

Keywords: Babble; Continuity; Discontinuity; Interaction; Language acquisition

Introdução

Neste trabalho, expomos uma possibilidade de leitura do artigo seminal *Por que “mama” e “papa”?*¹ do linguista russo Roman Jakobson (1896-1982). O ponto de vista a partir do qual a empreendemos pode ser compreendido por dois ângulos.

O primeiro (cf. Item 1), mais geral, apresenta notas de leitura de *Por que “mama” e “papa”?*. Nesse momento, fazemos uma apresentação resumida, embora já marcada por certa parcialidade, cuja finalidade é restabelecer, em linhas gerais, os encadeamentos lógico-argumentativos da exposição de Jakobson. Esse primeiro ângulo de abordagem, além de atender ao objetivo de dar a conhecer didaticamente o complexo raciocínio do autor presente no texto, justifica-se na medida em que

se configura uma condição de possibilidade da reflexão apresentada adiante. Cabe lembrar que o resumo que fazemos é, antes, um recorte do texto de Jakobson; não intencionamos, portanto, reproduzi-lo integralmente, assim como não deixamos de, a proporção que o expomos, agregar comentários exteriores à exposição. Nossas notas são apenas pontos de vista pessoais de leitura, feitos a partir de interesses específicos que, por sua vez, servem de base para as elaborações a seguir.

O segundo ângulo, mais específico, busca o desenvolvimento das potencialidades teóricas e metodológicas das teses jakobsonianas, tendo em vista o objetivo – também específico – de discutir o quanto os aspectos físico, fisiológico, cognitivo, psíquico e linguístico devem ser levados em conta quando o que está em exame é a passagem do homem da condição de *infans* à de falante. Ou, como é o caso ilustrado por *Por que “mama” e “papa”?*, quando o que está em causa é a passagem do balbucio às primeiras palavras.

¹ Texto originalmente escrito em inglês, em 1959, para *Perspectives in Psychological Theory*, New York, e publicado em 1960. Utilizamos para leitura a versão brasileira (cf. Referências Bibliográficas).

Para abordar esse ponto retomamos, inicialmente, a discussão acerca do que ficou conhecido como a *hipótese da descontinuidade* (cf. Item 2) que, como veremos, assume outros contornos na interpretação que fazemos; em seguida, apresentamos nossa interpretação propriamente dita de *Por que “mama” e “papa”?* e as potencialidades que tem quando submetido a outros olhares (cf. Item 3).

Esse segundo ângulo impeliu-nos a contextualizar as teses de Jakobson relativamente a outros trabalhos seus e mesmo a trabalhos de outros pensadores. Pensamos, enfim, que, nele, nos permitimos exercer certa leitura interpretativa, menos comprometida com cânones.

Na última parte (cf. Item 4), destacamos as conclusões, buscando sinalizar perspectivas metodológicas da pesquisa com a linguagem da criança.

Antes, porém, de finalizarmos esta Introdução, cabe fazer pequeno comentário acerca do valor heurístico que, acreditamos, têm os ângulos acima descritos.

Roman Jakobson é um autor que, para dizer o mínimo, ocupa hoje um lugar gerador de certas polêmicas no escopo das pesquisas linguísticas. Ao mesmo tempo em que se lhe creditam grandes contribuições, que fizeram avançar a pesquisa linguística no século XX em inúmeras áreas – fonologia, aquisição da linguagem, poética, teoria da comunicação, patologia de linguagem, entre outras –, também é possível verificar certa facilidade em recusar a atualidade de seu pensamento. Em outras palavras, no campo dos estudos linguísticos, é comum ver um raciocínio – sem dúvida, sofismático – segundo o qual a obra de Jakobson até pode ser considerada um marco histórico importante do século XX, mas seu valor estaria circunscrito à história. Pouco ou nada do que disse Jakobson é defensável na atualidade. Os trabalhos de Jakobson têm sido objeto de críticas muito especialmente a partir de evidências empíricas, que contestariam as teses defendidas pelo linguista russo².

É nesse ponto que acreditamos contribuir com uma desatomização da leitura da obra de Jakobson. Evidentemente – e é salutar que seja assim – estudos recentes podem colocar em dúvida muito do que se convencionou ser unânime no campo da ciência geral. No entanto, a linguística não é uma área que sobrevive exclusivamente da superação do conhecimento construído. Ela necessita – assim o pensamos – do constante movimento de retomada do que foi dito para

poder avançar. É por isso que ainda é tempo de reler Jakobson. Suas teses, embora passíveis de superação em muitos aspectos, resguardam um olhar importante para o linguista que tem interesse em manter a linguística próxima às ciências do Homem. E este é o nosso caso.

1 Relendo *Por que “mama” e “papa”?*

Roman Jakobson, em *Por que “mama” e “papa”?* convida a pensar na natureza heterogênea da produção das primeiras palavras de uma criança. Esse momento em que a função simbólica habilita um pequeno humano à condição de falante de uma dada língua é apresentado por Jakobson como o desabrochar de uma contingência que se mostra ao mesmo tempo física, fisiológica, cognitiva, psíquica e linguística. Isso leva a conceber o candidato a falante em suas múltiplas dimensões.

Jakobson inicia o artigo retomando o trabalho exaustivo do antropólogo americano George Peter Murdock (1897-1985), apresentado em um seminário linguístico no Centro de Estudos Superiores sobre as Ciências do Comportamento, em 1957. Nele, Murdock expõe o resultado de sua investigação segundo a qual há convergência de estrutura dos termos de parentesco – palavras semelhantes –, em línguas não afins, para nomear “pai” e “mãe”. A sua “Mostragem Etnográfica Universal” identifica 1072 termos, sendo 531 para mãe e 541 para pai. A conclusão de Murdock é de especial interesse para Jakobson: há grande convergência de estrutura dos termos de parentesco em línguas cuja relação histórica entre si inexistente. É nesse ponto que Jakobson situa sua indagação, uma vez que chamam sua atenção as “coincidências fonêmicas” entre as formas de nomear as figuras parentais em línguas de raízes diversas.

Que princípios teóricos podem explicar esse fato?

Em resposta, Jakobson parte da consideração de que a interação entre a criança e o adulto produz, em ambos, efeitos importantes: a inserção no mundo dos adultos, para a criança; o uso da “fala de bebê” (“uma espécie de *pidgin*”), para os adultos. E acrescenta:

as criações léxicas, socialmente convencionalizadas, dessa fala de bebê, conhecidas pelo nome de linguagem de berço, se adaptam de propósito deliberado ao padrão fonêmico infantil e à construção usual das primeiras palavras que a criança diz; e, por outro lado, tendem a impor à criança uma delimitação mais nítida e uma estabilidade mais elevada da significação vocabular (JAKOBSON, 1967, p. 76).

Essa passagem é de suma importância para o correto entendimento dos argumentos de Jakobson, isto porque, para buscar responder sua indagação inicial, ele parte da interação entre o adulto e a criança: “algumas dessas

² A esse respeito ver o quarto capítulo do livro *Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia* (Flores; Surreaux; Kuhn 2008). Nele, os autores examinam temas que são controversos na obra do autor, mas que mereceriam maior atenção por parte do especialista em função das potencialidades de seus argumentos. São eles: a hipótese da regressão segundo a qual a ordem da aquisição de linguagem seria inversa à ordem da dissolução da linguagem na afasia; a perspectiva linguística de estudo da afasia *versus* a localização da lesão; a classificação linguística das afasias *versus* as classificações advindas dos trabalhos de P.P Broca, K. Wernick e A.R. Luria, por exemplo.

formas de linguagem de berço ultrapassam o âmbito dos berçários, entram no uso geral da sociedade adulta e constituem uma camada infantil específica dentro do vocabulário padronizado” (JAKOBSON, 1967, p. 76). É o que acontece com as formas designadoras dos membros parentais nucleares – pai e mãe – que passam, normalmente, a ser adotadas pelo adulto. Assim, coexistem as formas da linguagem de berço com as formas gerais. É o caso do inglês *mama* (*mamma, mammy, ma, mom, mommy*) e *papa* (*pap, pappy, pa, pop, dada, dad, daddy*).

Bem entendido: Jakobson situa sua indagação no nível fonemático – as ditas “coincidências fonêmicas” em línguas distantes –, mas começa a construir sua resposta a partir da interação adulto-criança.

É possível surpreender a mesma atitude mais adiante, em *Por que “mama” e “papa”?*. Ao fazer a discussão por um viés fonemático, Jakobson destaca o fato de o acervo de fonemas dos termos de intimidade “mãe” e “pai” ser “severamente limitado” (JAKOBSON, 1967, p. 77), o que parece indicar que o repertório fonêmico presente nas primeiras palavras – ligadas às figuras parentais – das diferentes línguas não varia muito. Segundo o autor, diversos aspectos dos primeiros estágios da linguagem infantil estão visivelmente presentes nas formas utilizadas em “papa” e “mama”: sílabas formadas por consoante e vogal (seguindo o princípio do contraste máximo), ausência de sílaba com estrutura complexa como grupo consonantal, ausência de sílabas com raízes puramente vocálicas, predomínio de oclusivas e nasais, incidência de reduplicação silábica (JAKOBSON, 1967, p. 78-79).

Para Jakobson, na passagem do balbucio para o que chama de “um princípio de aquisição da linguagem convencional”, a criança adere ao modelo consoante mais vogal, no qual os sons assumem valor fonêmico e precisam “ser corretamente identificados pelo ouvinte” (JAKOBSON, 1967, p. 79).

Ora, mais uma vez, vemos Jakobson recorrendo à interação para sustentar sua posição. Ao valorizar a identificação do valor fonêmico por parte do ouvinte, o autor evidencia que o conjunto dessas caracterizações, de natureza silábica e fonemática, é percebido e recortado pelos adultos que estão no entorno da criança.

Tudo indica, então, que a escuta, por parte do adulto, das particularidades do que é vocalizado no período do balbucio configura-se um alicerce para produção da fala de retorno que o adulto utiliza ao se dirigir ao bebê. Consequentemente, nada impede pensar que essa escuta possa ser, por sua vez, matriz para as primeiras palavras do infante. Voltaremos a isso mais adiante. Por enquanto, queremos apenas registrar que Jakobson não minimiza a interação adulto-criança na busca da resposta a sua indagação, chegando mesmo a tomá-la como ponto de partida.

À frente, em *Por que “mama” e “papa”?*, Jakobson dá especial atenção ao fenômeno da reduplicação silábica (ou repetição silábica presente em “ma-ma” e “pa-pa”). Para ele, trata-se de um mecanismo das formas de linguagem de berço que pode funcionar como índice da passagem do balbucio à palavra visto que a repetição aponta para a instanciação de uma “entidade semântica”, já que, em oposição aos sons erráticos e desordenados do balbucio, os fonemas, nas primeiras palavras, indicam ser reconhecíveis, distinguíveis e identificáveis, ou seja, produtores de uma identidade que assume valor de entidade semântica.

Mais uma vez, é à interação que recorre Jakobson para validar seu raciocínio. A duplicação tem essência linguística porque atende à necessidade de reconhecimento pelo outro. Ele afirma:

a apresentação sucessiva de um mesmo fonema consonântico, repetidamente apoiado na mesma vogal, melhora a inteligibilidade de ambos e *concorre para a mensagem ser corretamente entendida* (JAKOBSON, 1967, p. 80) [grifo nosso].

Cabe observar que, ao lado dos aspectos iminentemente linguísticos, Jakobson faz intervir em sua reflexão uma série de pontos que excedem o linguístico *stricto sensu*, mas que a ele estão integrados pela natureza do argumento formulado. É por isso que, acima, dissemos que há em *Por que “mama” e “papa”?* uma articulação entre as instâncias física, fisiológica, cognitiva, psíquica e linguística.

Nessa mesma direção, há uma passagem, no texto, que merece atenção de forma pormenorizada. Citemos, então, Jakobson:

Muitas vezes a atividade de sucção da criança faz-se acompanhar de um leve murmúrio nasal, que é a única fonação que pode se produzir quando os lábios se comprimem sobre o seio materno, ou sobre a mamadeira, e a boca está cheia. Mais tarde, essa reação fonatória da amamentação se reproduz como sinal antecipatório à mera vista do alimento e afinal como manifestação do desejo de comer, ou, de maneira mais geral, como expressão do descontentamento e impaciência pela ausência da mamadeira ou daquela que amamenta, ou ainda pelo não atendimento de qualquer desejo. Quando a boca não está empenhada na nutrição, o murmúrio nasal pode ser suplementado por uma descarga oral, particularmente de natureza labial; e pode receber um opcional apoio vocálico (JAKOBSON, 1967, p. 81).

Do ponto de vista que estamos querendo circunscrever na reflexão de Jakobson, qual seja, o que articula o linguístico a outras instâncias, é extremamente significativo perceber que os movimentos articulatórios

necessários para produzir “mama” e “papa”, na maioria das línguas do mundo, sejam praticamente os mesmos demandados no ato de sobrevivência que é a sucção. Detalhemos: ao mamar – seja sugando no seio materno, seja na mamadeira – o bebê realiza simultaneamente movimentos bilabiais e um murmúrio nasal. Enquanto a mobilização dos lábios é fundamental para apreensão e extração do alimento, o murmúrio nasal tem a função de evitar o engasgo e permitir a alternância respiração-deglutição. Ou seja, o bebê produz esse murmúrio nasal, enquanto se alimenta, para proteger o trato respiratório e evitar eventuais engasgos. E, como a cavidade oral encontra-se ocupada na função de alimentação, resta ao bebê direcionar esse murmúrio protetivo para a cavidade nasal, o que gera o som que escutamos como marcado pela ressonância nasal.

Além disso, a criança precisa manter sua atividade respiratória nos longos períodos em que mama. No decorrer de suas mamadas, a única alternativa livre que encontra, portanto, é a via nasal. Jakobson mostra que, nos momentos em que não está mais mamando, a criança segue realizando os movimentos bilabiais, com ou sem ressonância nasal, acompanhados do apoio vocálico (princípio básico da estrutura silábica cv)³.

Igualmente o autor chama atenção para o fato de a criança começar a associar essa realização fonatória à presença do alimento, ou ainda de quem provê o alimento. Vemos aí agregadas, além dos aspectos físicos e fisiológicos, mais duas informações significativas: a marca dos registros cognitivo e psíquico no bebê.

Do ponto de vista cognitivo, as observações de Jakobson encontram eco, por exemplo, nos detalhados estudos piagetianos (PIAGET, 1987)⁴. Neles, vemos o quanto a repetição da ação nos primeiros tempos do período sensorio-motor⁵ funciona como alicerce para a experimentação de uma ação com esquemas já construídos, em uma nova situação. Assim, ao mamar, o bebê estaria construindo esquemas iniciais de experimentação sobre o meio os quais, em um segundo momento, seriam aplicados em outro contexto e em outra situação. Certamente o bebê precisará adaptar-se, operando ajustes para assimilar essa nova construção. Essa operação é, portanto, de natureza cognitiva.

Do ponto de vista psíquico, Jakobson, ao comentar o trabalho do linguista Antoine Gregoire (1871-1955) aponta que

o período de transição em que *papa* se reporta a qualquer dos pais presente, ao passo que *mama* assinala a exigência da satisfação de alguma necessidade ou o descontentamento pela ausência de quem provê a todas essas necessidades (principalmente, mas não exclusivamente, a mãe) é cuidadosamente descrito por Gregoire (JAKOBSON, 1967, p. 82).

Nessa passagem, Jakobson mostra, mesmo de maneira rápida, que a construção da relação entre os fatos físico, fisiológico, cognitivo e linguístico tem a mediação de uma representação⁶. E essa representação, nas perspectivas psíquica e linguística, é dada através de contraste e oposição, base do sistema linguístico.

Presença e ausência⁷ do objeto – o alimento, o leite, a mãe – assumem registros distintos do ponto de vista psíquico. Sigmund Freud, em *Mais além do princípio do prazer* (1981, p. 2511)⁸ já apontava esse registro de presença e ausência de satisfação ao observar seu neto, quando brincava com um carretel. Naquilo que ficou conhecido como o jogo do *fort-da*, o menino enunciava sons – *fort* (“fora”) e *da* (“aqui”) – ao jogar e recuperar o carretel amarrado a um cordão. Segundo Freud, a brincadeira de presença e ausência, ali repetida exaustivamente, auxiliava a criança a suportar o vazio provocado pelos afastamentos maternos ao mesmo tempo em que funcionava como representante dessa falta. Dessa forma, ao brincar com o carretel, o menino evocava sons que registravam alternadamente presença e ausência da mãe⁹.

Enfim, o conjunto das observações que fizemos até aqui pode ser condensado na seguinte passagem do texto jakobsoniano: “[...] a prioridade dos termos para pai e mãe com oclusiva oral, em relação aos termos para

³ Onde c = consoante e v = vogal.

⁴ O texto original, *La naissance de l'intelligence chez l'Enfant*, é de 1966. As passagens que apontaremos são oriundas da tradução brasileira de 1987.

⁵ Piaget nomeia a fase inicial do desenvolvimento cognitivo Período Sensorio-Motor (que corresponde, aproximadamente, à idade cronológica de 0 a 2 anos). Esse período é detalhadamente descrito pelo estudioso em seis sub-estágios, dos quais aqui interessam os dois primeiros: *reações circulares primárias* e *reações circulares secundárias*. Uma das características mais significativas das *reações circulares primárias* (PIAGET, 1987, p. 58) é a experimentação repetida da mesma ação. Essa fase é necessária para respaldar o próximo passo do desenvolvimento cognitivo, as *reações circulares secundárias* (PIAGET, 1987, p. 154), momento em que a criança experimenta realizar uma ação que já domina em outra situação, diferente da primeira.

⁶ Como bem ensinou Piaget (1987), a construção de uma representação é sustentada pela capacidade cognitiva de *permanência completa do objeto*. Ao operar com a noção de *permanência completa do objeto*, a criança já considera que o objeto, mesmo que ausente ou longe de seus olhos, continua existindo. Segundo Piaget, essa é uma das condições para o surgimento da *função simbólica* na criança.

⁷ Esse registro de contraste entre presença e ausência é evocado por Jakobson não apenas em *Por que “mama” e “papa”?*, mas também em vários outros trabalhos seus. A título de ilustração vale lembrar ao menos um: os casos radicais de afasia apresentados por Jakobson em *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia* por exemplo, mostram que a força distintiva da língua pode, em situações extremas, ficar reduzida e/ou condensada a uma palavra ou frase, que executa a função diferenciadora geralmente sustentada por um traço distintivo (na verdade, um conjunto de traços). A noção de traço distintivo mostra o quanto o contraste e a oposição se constroem mutuamente na cognição, no psiquismo e, de forma interdependente, também na língua.

⁸ Esse clássico texto freudiano data de 1920. Trabalhamos com a tradução em espanhol realizada por Lopez-Ballesteros.

⁹ Vemos, aqui, que a evocação das primeiras palavras também aponta para o que Freud chama de satisfação de um desejo inconsciente. A criança clama pelos pais para manifestar a representação de uma falta.

mãe com nasal, fundamenta-se tanto no plano semântico como no fonológico” (Jakobson, 1967, p. 82). Isso leva a tratar um tema que se encontra subjacente a *Por que “mama” e “papa”?*: na fronteira entre o balbucio e as primeiras palavras, percebe-se a consideração de sons com valor linguístico, ou seja, a criança começa a operar com os sons passíveis de produzir palavras com sentido na língua. É nesse momento que se percebe a linha de corte entre aquilo que é produzido indistintamente como “explosão de balbucio” – a criança é capaz de produzir qualquer som de qualquer língua do mundo – e aqueles sons que se encontram em condições de serem alçados ao *status* de fonema de uma dada língua¹⁰, ou seja, quando o pequeno falante começa a produzir as primeiras palavras.

Mais adiante, no item 4, aprofundamos a perspectiva que temos acerca do texto *Por que “mama” e “papa”?* e, muito especialmente, acerca do papel que tem o outro – a mãe, o pai, o cuidador, etc. – na passagem do balbucio às primeiras palavras. Porém, neste momento, é chegada a hora de enfrentar uma questão que, embora bastante circunscrita, merece atenção, uma vez que o posicionamento assumido em relação a ela é determinante de qualquer posição que se possa ter. Trata-se das implicações teórico-metodológicas decorrentes da propalada “hipótese da descontinuidade” vista, normalmente, como uma decorrência das reflexões de Jakobson sobre o balbucio e as primeiras palavras.

2 Relendo a hipótese da descontinuidade

A passagem do balbucio às primeiras palavras não é, propriamente, o centro de *Por que “mama” e “papa”?*. O núcleo desse texto é, como se viu, a recorrência fonêmica nas formas de nomeação das figurais parentais nas diferentes línguas do mundo. No entanto, essa passagem é um tema subjacente no texto, uma vez que vemos Jakobson preocupado com o hiato existente entre a farta produção do balbucio e a organização sistemática presente nas primeiras palavras com sentido. Esse fenômeno é normalmente identificado pela expressão “hipótese da descontinuidade”.

Falar em “hipótese da descontinuidade” – termo que não pode ser propriamente atribuído a Jakobson, mas a seus leitores – implica tratar o tema da ordem da aquisição da fonologia situando-a em relação ao balbucio. A pergunta que se coloca aqui é: haveria descontinuidade na passagem do balbucio à organização do sistema fonológico da língua materna do falante?

Essa indagação decorre, como veremos adiante, de uma observação empírica importante e já longamente tematizada na literatura especializada cuja fonte de referência constante é, principalmente, o livro

Child language, aphasia and phonological universals, publicado por Jakobson em 1941¹¹. Façamos um pouco sobre este livro, então.

Jakobson inicia-o destacando três tipos de atividades linguísticas: a aquisição de linguagem, que pode ser detectada através da observação de crianças; a dissolução da linguagem, que pode ser estudada através da observação de distúrbios da fala; e a estrutura completamente desenvolvida da língua, que é propriamente o interesse do linguista. Segundo o autor, os dois primeiros aspectos ajudam de forma instrutiva o trabalho do linguista. Embora Jakobson não estabeleça análises comparativas sistemáticas entre as três atividades, pode-se perceber que o que está em jogo, na relação que ele estabelece entre elas, é a análise estrutural (e universal) da aquisição da linguagem e de seus aspectos gerais, já que ele trata de encontrar suas leis gerais. De acordo com Jakobson, a constância que se pode observar na cronologia de certas oposições fonológicas adquiridas pela criança encontra íntima correspondência nas leis estruturais das línguas do mundo e facilita a interpretação dessas leis.

Por meio da análise de dados de crianças em fase de aquisição de linguagem em diferentes línguas do mundo, Jakobson percebeu constância quanto à utilização de uma linguagem distinta da do adulto. Essa fase é chamada de *separatista* e tem diferente duração de acordo com determinados fatores. A pergunta que conduz Jakobson nesse ponto é: por que há rechaço de certos componentes da linguagem adulta e por que são sempre os mesmos componentes rechaçados para todas as crianças?

A resposta não diz apenas respeito ao problema específico da linguagem infantil. Para Jakobson, é preciso entender que a mudança é predeterminada pelo desenvolvimento (interno e inerente) do sistema linguístico, e não por modificações impostas pela criança. As crianças, então, representariam, através de sua linguagem, essas mudanças, que são internamente predeterminadas. Dessa forma, o autor defende que a maneira de falar de uma criança pode ser, de fato, a fonte ou os meios da mudança linguística, contudo, o que é

¹⁰ Jerusalinsky (2004, p. 211) lembra que em situações clínicas específicas (graves patologias de constituição psíquica) as vocalizações estão tão fora da “legalidade da língua” que temos dificuldade de diferenciá-las auditivamente.

¹¹ *Kindersprache, Aphasie Und Allgemeine Lautgesetze*. Uppsala: Almqvist & Wiksells, 1941 (Original). *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague-Paris: Mouton, 1968 (Tradução para o inglês por A. Keiler). A versão aqui trabalhada é *Child language, aphasia and phonological universals*. 2ª ed. The Hague-Paris: Mouton, 1972. O livro está dividido em quatro capítulos: 1) O desenvolvimento fonológico da linguagem infantil e a afasia como um problema linguístico; 2) Estratificação do sistema fonológico; 3) Fundamentos das leis estruturais; 4) Observações conclusivas. Como é possível presumir a partir de tal divisão, o livro tem um horizonte amplo de interesses. Importam aqui, sobretudo, as observações feitas por Jakobson sobre a passagem do balbucio ao sistema fonológico de uma dada língua.

realmente decisivo para isso é a prontidão do sistema linguístico para mudanças. Diz ele:

A linguística nos mostrou que as mudanças na língua podem às vezes se originar a partir das mutações da linguagem infantil. Por outro lado, pesquisas estabeleceram que quase todas as deformações na linguagem ordinária observadas em crianças são paralelamente próximas às mudanças sonoras em diferentes línguas do mundo (JAKOBSON, 1972, p. 18) [tradução nossa].

Com relação, especificamente, ao balbucio Jakobson parte de uma evidência. No balbucio a criança pode produzir articulações estranhas a uma dada língua e até mesmo a um grupo de línguas: há “consoantes com uma grande variação de pontos de articulação, palatais, arredondadas, sibilantes, africadas, clics, vogais complexas, ditongos, etc.” (JAKOBSON, 1972, p. 21) [tradução nossa]. Enfim, há grande potencial, do ponto de vista da fonação, na vocalização da criança.

No entanto, a passagem da fase do balbucio (considerado pré-linguístico, para Jakobson) para a fase em que realmente o som passa a ter um valor fonêmico (linguístico, para Jakobson) é marcada por uma grande perda da habilidade de produzir sons. A criança deixa de ser um poliglota, do ponto de vista articulatório, para começar a ser o falante de uma dada língua, do ponto de vista fonológico. A criança passa a ter de reconhecer as oposições fonológicas e, mais adiante, as conseqüentes diferenciações que têm no significado das palavras, bem como passa a ter a capacidade de guardá-las na memória para reproduzi-las. A partir disso, conforme Jakobson, se encontra em formação um sistema fonêmico rigorosamente regulado por leis estruturais:

o importante fator para as crianças que estão aprendendo sua língua não é a capacidade de produzir ou perceber um determinado som, mas sim o valor linguístico distintivo do som em questão (JAKOBSON, 1972, p. 32) [tradução nossa].

É nessa passagem da fase pré-linguística para a linguística que se verificaria, segundo os leitores de Jakobson, a dita descontinuidade. Como explica o próprio Jakobson (1972), a criança perde quase toda a habilidade de produzir aquela enorme variedade de sons. De certa maneira, ela recalca o excesso de sons que pode produzir para, então, deter-se naqueles que são distintivos em sua própria língua. Concomitantemente a isso, observa-se um outro fenômeno: além da perda da produção dos sons excedentes ao sistema fonológico da língua materna, a criança deixa também de produzir sons próprios a sua língua e ao balbucio.

Jakobson pontua ainda que não é fácil explicar a seleção dos sons que são retidos na passagem do balbucio à linguagem propriamente dita. No entanto, é notável que se trata de uma nova atribuição de função a esses sons: eles deixam de ser um “delírio da língua” – a expressão é de Preyer – para serem som com valor fonemático.

Muitos autores releem a hipótese da descontinuidade na linguística brasileira. É o caso de Scarpa (2005), Silva (2007)¹² e Brum-de-Paula & Ferreira-Gonçalves (2008)¹³.

Segundo Scarpa (2005), na leitura que faz de *Child language, aphasia and phonological universals*,

O balbucio é biologicamente orientado e vai apresentar uma contraparte descontínua com as primeiras palavras produzidas ou com o período transicional do que hoje se convencionou chamar de ‘balbucio tardio’ (SCARPA 2005, p. 841).

A criança começaria, então, a utilizar fonemas específicos a sua língua materna, seguindo uma progressão gradual hierárquica de relações/ distinções opositivas. Ou, como explica ainda Scarpa (2005):

as distinções fonêmicas (mais tarde estabelecidas em termos de traços) não marcadas têm a tendência de aparecer antes das oposições marcadas. Numa hierarquia de oposição de traços, o mais geral e superordenado tem a tendência de vir antes do mais específico e sub-ordenado (SCARPA 2005, p. 840).

Scarpa (2005, p. 842) sintetiza, ainda, em duas direções, as críticas que a hipótese da descontinuidade recebeu na literatura especializada. De um lado, há os que enfatizam uma continuidade dos “padrões silábicos” entre o balbucio e o sistema fonológico posterior; de outro lado, há os que enfatizam uma ordem de aquisição dos fonemas particular a cada indivíduo, o que questionaria a hierarquia¹⁴

¹² Silva (2009) relê cuidadosamente o texto *Por que “mama” e “papa”?*, além de outros textos do autor, para recuperar o cerne de seus argumentos relativamente à ordem de aquisição dos fonemas (que, segundo a autora, estaria vinculada à relação de dependência entre valores primários e secundários) e ao que chama de “intersubjetividade universal”, de especial interesse para nós. Diz Silva (2009): “Essas distinções, percebidas constantemente nas relações intersubjetivas, caminham em direção à significação, já que ao desejo de comunicar-se com outro junta-se a faculdade de comunicar qualquer coisa que seja reconhecível. É nesse quadro que Jakobson (1960/1967a) insere, em sua reflexão, as formas constituídas no diálogo entre criança e seus interlocutores principais, geralmente os pais” (Silva, 2009, p. 39).

¹³ As autoras buscam, a partir da perspectiva emergentista (BATES; GOODMAN, 1999), inscrever o balbucio e a produção das primeiras palavras num *continuum* em que léxico e gramática encontram-se articulados.

¹⁴ Brum-de-Paula e Ferreira-Gonçalves (2008) apresentam, a partir de Hallé (1998) uma detalhada exposição das evidências fenomenológicas que contrariam a hipótese da descontinuidade: “a) coexistência do balbucio e das primeiras palavras (...); b) (...) similaridade entre as formas sonoras encontradas no balbucio e nas primeiras palavras (...); c) o balbucio de crianças surdas é tardio e diferente do balbucio de crianças normais; d) crianças expostas à língua de sinais balbuciam gestualmente, segundo um calendário análogo ao balbucio falado” (BRUM-DE-PAULA e FERREIRA-GONÇALVES 2008, p. 74).

proposta por Jakobson. Segundo a autora, as críticas, em sua maioria, não se sustentam, uma vez que

direcionam-se a uma parte mais periférica da proposta de Jakobson, a saber, a previsão de tendências na ordem de aquisição, mas não se referem ao ponto central: o caráter distintivo, relacional do sistema fonológico das primeiras palavras, por oposição à natureza mais errática do balbucio (SCARPA, 2005, p. 843).

De nosso ponto de vista, gostaríamos de propor uma interpretação da hipótese da descontinuidade em outros termos. Pensamos que é possível surpreender na reflexão de Jakobson – muito especialmente a presente em *Por que “mama” e “papa”?* e não apenas em *Child language, aphasia and phonological universals* – uma concomitância entre o que é da ordem do contínuo e do descontínuo na passagem do balbucio ao sistema fonológico de uma dada língua. Sobre isso, enfim, tratamos a seguir.

3 Continuidade e descontinuidade sob o olhar do outro: assim começa a falar uma criança

Na exposição feita de *Por que “mama” e “papa”?* (cf. Item 3, supra), pareceu-nos pertinente privilegiar um aspecto nem sempre lembrado, quando da leitura geral que se empreende do texto: o papel da interação. Ou, nos termos de Jakobson, do *diálogo* (JAKOBSON, 1967, p. 76). Chamou-nos atenção o fato de Jakobson indicar que a “fala de bebê”, utilizada pelos adultos ao se dirigirem aos pequenos – também chamada, hoje em dia, de *manhês* –, é uma espécie de *pidgin* (JAKOBSON, 1967, p. 75). Jakobson mostra que o adulto, quando se dirige à criança pequena, utiliza uma fala que se adapta às possibilidades linguísticas do pequeno, aproximando-se de suas particularidades fonéticas, lexicais e gramaticais, mesmo que na linguagem de berço a criança apresente palavras “impregnadas de intimidade, emoção, ingenuidade” (JAKOBSON, 1967, p. 76) que coexistem com outras mais gerais e abstratas referentes a pai e mãe na língua exclusiva dos adultos. Trata-se de um invólucro fonemático, silábico e prosódico singular presente no comportamento verbal dos adultos ao falarem com os bebês.

Pode-se perceber que há, por parte do adulto, então, um esforço de aproximação às condições que nas fases iniciais do desenvolvimento estejam mais próximas daquelas que o bebê – ainda com tão poucos recursos biológicos, cognitivos e psíquicos – tem à disposição. Há, portanto, uma disponibilidade do adulto frente ao balbucio da criança. Esses apontamentos nos instigam a avançar no estudo do aspecto que nos parece ser um dos maiores interrogantes da transformação do balbucio em

fala propriamente dita: de que forma o ensaio fonético-fonológico, experimentado na época do balbucio, ancora a alavanca necessária para que o pequeno bebê reconheça e assuma para si a condição de falante de uma dada língua?

Esboçamos, aqui, um começo de resposta inspirados nos estudos de Ruth Weir, importante pesquisadora da área da aquisição de linguagem, cujo trabalho foi orientado por Roman Jakobson. Weir (1962) dedicou-se ao estudo dos “monólogos no berço”, ao analisar, de forma estrutural e discursiva, as produções orais de Anthony, seu filho de dois anos e meio. Weir preteriu o estudo do balbucio ao priorizar a verificação de conhecimentos linguísticos estabilizados, investigando a forma com que nos monólogos da criança a regularidade do sistema se impunha. A autora analisa os jogos sonoros de Anthony, interligando o regramento fonológico que gradualmente vai se impondo em sua fala à consolidação de uma posição de falante da língua. Para Weir, nos monólogos de berço, o menino ativava uma “memória de evocação” linguístico-cognitiva de modo a resgatar simbolicamente o registro de situações vividas através da oralização.

No Brasil, Lier-De Vitto (1998) também lançou luzes sobre a escuta de falas de crianças nos princípios da aquisição de linguagem. Inspirada na proposta interacionista de Lemos (1982, 1986) a autora sustenta a tese da existência de um suporte dialógico nos monólogos da criança. Para Lier-De Vitto (1998, p. 22), nos monólogos circulam restos, pedaços de dizeres que são postos em movimento pelo outro.

Os estudos acima apontados acerca dos monólogos ensinam que a passagem do balbucio às primeiras palavras é mesclada e não linear. O postulante a falante precisará ensaiar todos os pré-requisitos¹⁵ para sua “estreia”: terá de experimentar a atividade articulatória em suas exercitações alimentares; precisará construir esquemas cognitivos de representação; necessitará vivenciar a experiência da relação presença-ausência e terá de estar em condições de registrar aquilo que o outro (adulto) lhe devolve como elemento(s) reconhecido(s) em uma dada língua. Isso tudo é suficiente? Ainda não...

Vemos, ainda, que há, junto com o exercício motor, com o movimento de ensaio cognitivo e com o regozijo auditivo do efeito produzido por suas emissões sonoras, o encontro e o reconhecimento por parte do outro em relação à “massa amorfa”, para usar um termo saussuriano (1975, p. 131), de sons produzidos pelo infante. Essa “massa amorfa” – uma certa indiferenciação que o aspecto

¹⁵ Cabe ainda inserir nas variáveis que aqui apontamos como “pré-requisitos” a integridade física (orgânica e/ou neurológica). No entanto, uma série de quadros clínicos de alteração de linguagem mostram que vários tipos de limitações de natureza orgânica, embora restrinjam ou dificultem, não impedem o processo de apropriação da linguagem pela criança.

fônico da língua apresenta quando abordado de forma apartada da significação – deixará de ser considerada *amorfa* a partir do momento em que o outro (adulto) se colocar na posição de quem reconhece, recorta e devolve à criança pequenos esboços de palavras alçados ao *status* de palavras da língua.

Tal movimento entre adulto e criança, que provocará o deslizamento da *massa amorfa* do balbucio às primeiras palavras com sentido, dependerá tanto das possibilidades biológicas, cognitivas e psíquicas da criança como da disponibilidade do adulto à interação.

Para tornar a discussão jakobsoniana acerca da multiplicidade de fatores implicados na passagem do balbucio às primeiras palavras ainda mais instigante, evocamos a excelente leitura desse fenômeno realizada por Heller-Roazen (2010)¹⁶. O pesquisador e ensaísta canadense propõe uma virada impactante na leitura da construção da organização do sistema fônico de uma língua por parte do falante.

Heller-Roazen (2010, p. 9), acompanhando a reflexão jakobsoniana, diz que, a partir do desaparecimento do balbucio, nascem uma língua e um falante. Ou seja, para a criança se tornar um “falante nativo” de uma língua dada, é necessário deixar de utilizar muitas das consoantes e vogais que emitia antes, sendo natural que, ao abandonar os sons não pertencentes à língua que está adquirindo, logo se esqueça de como são produzidos. Nas palavras do autor,

Talvez o bebê deva esquecer a série infinita de sons que outrora produzia no “ápice do balbucio” para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma língua determinada. Talvez a perda de um arsenal fonético ilimitado seja o preço que a criança deve pagar para obter os documentos que concedem cidadania na comunidade de uma língua específica (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 9).

O que Heller-Roazen destaca, em nossa opinião, é que a passagem do balbucio às primeiras palavras – independentemente de ser vista, ou não, como descontinuidade – é marcada por uma necessária redução. Afinal, “quando a criança começa a falar uma língua única, ela obviamente não tem o que fazer com todas as consoantes e vogais que emitia antes” (HELLER-ROAZEN, 2010, p. 8). Parece-nos incontestável essa interpretação.

A partir de tudo o que apontamos até aqui, cremos que a dita hipótese da descontinuidade pode ser relida por

um viés que articule as reflexões de Jakobson presentes em *Child language, aphasia and phonological universals* e em *Por que “mama” e “papa”?*. Para tanto, em primeiro lugar, é fundamental retomar uma ideia original de Jakobson que se encontra em *Por que “mama” e “papa”?*: há uma *fala de bebê*¹⁷.

A expressão *fala de bebê* condensa, em nossa opinião, uma antítese: de um lado, revela a distância que há entre a fala da criança e a do adulto; de outro, explícita, por parte do adulto, o esforço de interação. Há, simultaneamente, continuidade e descontinuidade, desta vez, pensadas do lado da interação e não apenas do lado da linguagem do bebê. Explicamo-nos.

Há, do lado do bebê, descontinuidade na medida em que vemos acontecer o fenômeno de redução do potencial articulatório – mesmo que se possa alegar que o balbucio esteja moldado pelos esquemas fonéticos da língua materna, o que é motivo de crítica à ideia de descontinuidade. No entanto, do lado do interlocutor adulto, a descontinuidade é de outra natureza: a *fala de bebê* denuncia que entre o futuro falante e o adulto há um desencontro que apenas poderá ser vencido se o adulto se disponibilizar a endereçar à criança uma suposição de falante.

Há continuidade na medida em que vemos o adulto proporcionar que as mínimas articulações – primeiramente, presentes no ato de mamar – tenham sentido em um dado sistema linguístico. O outro, ao recusar ouvir o balbucio como massa amorfa de sons, insere o bebê em uma língua.

Nessa proposta que fazemos, deixa-se de olhar a linguagem da criança, em si, e passa-se a tomá-la na relação interlocutiva. Por isso, a ideia de *pidgin* é tão importante para o raciocínio de Jakobson: a *fala de bebê* é uma “língua mista”. E esse “misto” se deve à simultaneidade do que o outro identifica, na interlocução, como contínuo e/ou descontinuo.

A relação interlocutiva, tal como a concebemos aqui, encontra eco no trabalho de Surreaux (2011). A autora defende que a transcrição de falas desviantes requer que uma fala seja sempre tomada em relação a outras falas. Trata-se de um ponto de partida que possibilita a consideração do que chama de *falas em relação*. Esse ponto de vista mostra que a particularidade de uma análise deve necessariamente levar em consideração o efeito que um dizer (desviante ou não) produz no outro (interlocutor).

A noção de *falas em relação* proposta por Surreaux (2011) parece apontar um caminho metodológico para a análise de dados de aquisição de linguagem, especialmente daqueles que evidenciam a passagem do balbucio a um determinado sistema linguístico. Tomar o balbucio em relação à fala do outro e vice-versa é deixar de vê-lo como “a” linguagem do bebê para vê-lo como algo que

¹⁶ Texto originalmente publicado em 2005, em inglês, sob o título *Echolalias – On the forgetting of language*. As passagens por nós apontadas são oriundas da tradução brasileira, de 2010. Destacamos particularmente capítulo *The Apex of Babble (O ápice do balbucio)*, na versão brasileira).

¹⁷ Expressão utilizada por Jakobson no texto em estudo (cf. JAKOBSON, 1967, p. 75).

é construído na relação com o outro. Nessa construção, vemos elementos de continuidade e descontinuidade que, embora sob o efeito da ordem da língua, dependem da relação interlocutiva para terem existência.

4 Conclusão

Nossas conclusões podem ser formuladas em duas direções. A primeira, de ordem teórica, diz respeito à leitura feita do artigo *Por que “mama” e “papa”?* de Roman Jakobson. Com ela, buscamos colocar sob novas luzes velhos temas do campo da aquisição de linguagem (hipótese da descontinuidade, relações entre o fonético e o fonológico, hierarquia do sistema fonológico etc.) A segunda, de natureza metodológica, diz respeito à interpretação das ideias de Jakobson a partir da noção de interlocução e, finalmente, de *falas em relação*.

Além disso, acompanha a reflexão empreendida no decorrer deste trabalho a convicção de que a passagem do balbucio às primeiras palavras evidencia a complexidade do processo, uma vez que aspectos de natureza biológica, cognitiva e psíquica repercutem conjuntamente sobre o linguístico.

Enfim, repensar antigos temas da aquisição da linguagem sob essas perspectivas aponta para novas formas de analisar fenômenos conhecidos, entre os quais a passagem do balbucio às primeiras palavras, porque é nas *falas em relação* que se pode surpreender o devir de um falante.

Referências

- BRUM-DE-PAULA; FERREIRA-GONÇALVES, L. Léxico e gramática: uma relação de causa e efeito? In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 43, n. 3, p. 69-80, jul.-set. 2008.
- FLORES, Valdir.; SURREAUX, Luiza Milano; KUHN, Tanara. *Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2008.
- FREUD, Sigmund. Mas alla del principio del placer. (1ª ed. 1920). In: *Obras Completas – Tomo III*. Tradução de Lopez-Ballesteros. Madri: Biblioteca Nueva, 1981.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. *Ecolias: sobre o esquecimento das línguas*. Tradução de Fabio Akcelrud Durão. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010.
- JAKOBSON, Roman. Por que “mama” e “papa”? In: *Fonema e fonologia*. Tradução de Joaquin Mattoso Câmara Junior. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- HELLER-ROAZEN, Daniel. *Child language, aphasia and phonological universals*. 2. ed. The Hague-Paris: Mouton, 1972.
- JERUSALINSKY, Julieta. Prosódia e enunciação na clínica de bebês: quando a entoação diz mais do que queria dizer. In: VORCARO, Ângela (Org.). *Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala*. Salvador: Ágalma, 2004.
- LIER-DE VITTO, Maria Francisca. *Os monólogos da criança: “delírios da língua”*. São Paulo: EDUC, 1998.
- PIAGET, Jean. *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- SCARPA, Ester. Marcado vs. Não-marcado na aquisição e na Afasia. In: *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 839-844, 2005.
- SILVA, Carmem Luci Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. São Paulo: Pontes, 2009.
- WEIR, Ruth. *Language in the crib*. Holland: The Hague, Mouton & Co, 1962.
- SURREAUX, Luiza Milano. O efeito de transcrição na escuta de falas desviantes: uma leitura enunciativa. In: DI FANTI, Maria da Glória Corrêa et al. *Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

Recebido: 30 de Agosto de 2014
 Aprovado: 19 de Novembro de 2014
 Contatos: luizamilanos@gmail.com
 valdirnf@yahoo.com.br